

## « O ilustre pervertido » Jacques Vallée Des Barreaux : Um caso de aceitação restrita

Original : « L'illustre débauché » Jacques Vallée Des Barreaux :  
Un cas d'acceptation restreint  
by Jean-Pierre Cavaillé\*

Traduzido por Sergio Israel Levemfous et al\*\*

recebido: 01/2013

aprovado: 03/2013

**Resumo:** O presente artigo é dedicado a Jacques Vallée Des Barreaux. Trata-se de um estudo de caso que visa a mostrar o que a noção de aceitabilidade pode ter de heurístico nos trabalhos das ciências humanas e sociais. Levamos em conta dois níveis de análises, o de uma obra poética clandestina, na qual é adotada uma postura filosófica original e radical, mas composta ainda por obras de circunstâncias mais convenientes; e o do personagem público Des Barreaux, famoso por seu comportamento e seus propósitos escandalosos. Tomamos a fórmula da aceitabilidade restrita para tratar desses dois níveis e de suas relações. Textos cuja publicação em nome do autor seria inaceitável, são aceitos e encontram um público numa clandestinidade bastante relativa. O personagem Des Barreaux, cujo comportamento é considerado escandaloso, aparece perfeitamente integrado à vida curial e mundana e escapa a qualquer condenação pública; ele é considerado aceitável nos meios e nos lugares onde vive. Falar de aceitabilidade restrita nos permite destacar que os limites do aceitável, mesmo nos anos da retomada católica da França, eram muito mais flexíveis e maleáveis do que se possa imaginar.

**Palavras-chave:** Des Barreaux, Théophile de Viau, Aceitabilidade, Libertinagem, Ateísmo.

---

\* Doutor da École des Hautes Études en Sciences Sociales – IUE-EHESS (Centre de Recherches Historiques, Groupe de Recherche sur l'Histoire du Littéraire)

\*\* Traduzido do francês pelos alunos do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) da Universidade Estadual de Santa Cruz: José Vinícius Silva Costa, Tamiris Ramos de Castro, Geórgia Santos Passarinho, Josiene de Jesus Santos, Vitor Pinto Figueiredo, Caroline Nascimento dos Santos, George Alves Mendes, Yuliana Mota Campelo, Lucas Sousa Galindo, David Santos Brito, Lorenna Alves Leite Barbosa, Larissa Melo dos Santos, Hadrielly Almeida Gomes, Daniela Lima de Santana, Aline Sacramento dos Santos, Bruna Silva de Araújo, Ian Sa Silva dos Santos. Orientação e revisão professor Sérgio Israel Levemfous.

**Abstract :** *This paper dedicated to Jacques Vallée Des Barreaux is a case study in order to emphasize the heuristic virtue of the notion of acceptability in social sciences and humanities. We take into account two levels of analysis : the first is a clandestine poetic production, where an original and radical philosophical posture is adopted, but which is also composed by more innocuous verses; the second is the public character of Des Barreaux, famous for his scandalous and outrageous behavior. We suggest the formula of restricted acceptability in order to deal with these two levels and their relationships. Texts whose publication in the author's name would be unacceptable are accepted and meet an audience in a relative clandestinity. Des Barreaux's character, whose behavior is considered scandalous, is fully integrated into the social life of the court and the high society in Paris and escapes public condemnation ; he is deemed acceptable in his familiar social places. Using the notion of limited acceptability allows us to highlight that the limits of what is acceptable in the same years of the hardening of the Catholic order in France was much looser and resilient than one might imagine.*

**Keywords :** *Des Barreaux, Théophile de Viau, Acceptability, Libertinism, Atheism.*

Jacques Vallée Des Barreaux (1599-1673) é um personagem sobretudo conhecido por ter sido amigo e segundo algumas fontes, o amante de Théophile de Viau. Mas além de suas companhias e de sua conduta questionáveis, perpetuou-se através da “*Historiette*” que Tallemant des Réaux lhe consagrou e de outros documentos como uma “ilustre”<sup>1</sup> figura de pervertido – até encarnar o próprio tipo de pervertido mundano<sup>2</sup> – e ímpio<sup>3</sup>, mas também de uma ímpia inconsequente agarrando – se à devoção diante da doença e da morte. Por fim, seu nome é associado a uma série de sonetos que aparecem em antologias de poesia libertinas em que se encontra esboçada uma filosofia naturalista radical que rejeita veementemente o cristianismo em favor de um hedonismo brutal, exasperado e desesperado.

Essas peças, sem sombra de dúvida, eram totalmente inaceitáveis segundo os critérios de publicações autorizadas do século XVII, ainda mais após a condenação do *Parnasse satyrique* em 1622 no qual se achava, entre outros, como se sabe, um soneto atribuído a Théophile, incriminado por sua obscenidade e seu caráter blasfêmico<sup>4</sup>. Sabe-se que as coletâneas

impressas de poesia licenciosa são muito numerosas nos primeiros anos do século. Elas se tornam mais raras e mais estritamente clandestinas após a condenação de *Parnasse* e do processo de Théophile.

Impressas de maneira anônima e clandestina no final de sua vida<sup>5</sup>, as poesias de Des Barreaux, aliás, tanto as mais chocantes quanto as mais inofensivas, parecem ter sido bastante difundidas e podemos encontrá-las copiadas separadamente ou por séries em diversos manuscritos<sup>6</sup>. Por essa razão, elas representam um exemplo, entre tantos outros, de circulação restrita, reconhecida nos meios letrados, em toda a Europa entre os séculos XVI e XVIII, de peças, sobretudo as versificadas, que não chegaram a ser impressas (aliás, há inéditas ainda hoje) ou então, foram publicadas de maneira estritamente clandestina.

Um público, que é bastante difícil de definir precisamente, existia para essa literatura licenciosa extremamente arrojada, obscena, até mesmo pornográfica e ímpia, no momento em que se afirmava na França uma intolerância cada vez mais consolidada pela expressão de incredulidade e de obscenidade, em nome, ao mesmo tempo, dos imperativos da religião, do purismo linguístico e do decoro moral. São encontradas coletâneas semelhantes em acervos de manuscritos de muitas bibliotecas europeias.

Essas coleções parecem dessa forma contrárias às normas dominantes e coercitivas que são impostas às publicações impressas autorizadas. Ao mesmo tempo, deve-se também notar que esses textos não são verdadeiramente relegados, nem segregados. Frequentemente, nas mesmas coletâneas e coleções, as peças obscenas estão lado a lado com coisas que são bastante convenientes e que poderiam perfeitamente ter sido impressas, e muitas vezes o foram. O acervo de Valentin Conrart, por exemplo, conservados na biblioteca do Arsenal de Paris, que, dentre outras coisas, contém manuscritos conservando peças atribuídas à Des Barreaux (em particular peças supostamente destinadas a Marion Delorme<sup>7</sup>) é sob esse prisma bastante exemplar. As mesmas coletâneas de manuscritos reúnem poesias licenciosas, às vezes muito "arrojadas", em francês e em italiano, mas também peças galantes ou versos de circunstâncias insignificantes<sup>8</sup>. Elas confirmam, aparentemente, que a circulação desses textos não era mais restrita aos círculos fechados e estanques. Ela se confundia com a das peças manuscritas sob várias formas

(verso, prosa, teatro, panfletos, cartas, músicas, textos críticos, históricos, etc.).

Havia um ambiente bastante amplo, na confluência das produções mundanas e eruditas, onde circulavam esse tipo de texto, entre tantos outros, havia redes de amadores que não eram, longe disso, constituídas por personagens obscuros ou suspeitos: apenas para citar os nomes de alguns desses nos acervos manuscritos dos quais se encontra esse tipo de texto, como por exemplo, o protestante Conrart, da Academia Francesa, ou os irmãos Dupuy, bibliotecários do rei, cuja reputação era tudo menos sulfurosa, mesmo se frequentavam todos os tipos de pessoas<sup>9</sup>. O fato de colecionarem esse tipo de peças manuscritas entre tantas outras, não fazia deles agentes culturais subversivos, promotores secretos de uma contracultura, no sentido de uma cultura de oposição à cultura pública dominante. Esta dimensão política de oposição estrutural e de subversão cultural e política assumida como tal é praticamente inexistente nesses espaços de produção e circulação, onde há ainda muitos textos de sátira ou de crítica política, como por exemplo as mazarinadas. Os colecionadores que possuíam, entre outros, textos libertinos, conjunturalmente podem muito bem parecer opositores, mas isso não permite de forma alguma considerar que suas coleções de textos clandestinos sejam a expressão de uma contracultura, rompendo com a cultura dominante. Entretanto, é fácil mostrar que algumas dessas peças, como as poesias “filosóficas” de Des Barreaux, são profundamente subversivas e mostram bem o que chamaríamos hoje de cultura subterrânea (*underground*) ou contra cultura<sup>10</sup>.

No entanto, é possível falar a respeito desse tipo de produção, de aceitação restrita ou limitada a espaços de publicação reservados, já que esses textos são tolerados ou julgados aceitáveis tão somente em uma semiclandestinidade<sup>11</sup>.

A passagem ao impresso não autorizado, ao impresso clandestino, não modifica substancialmente esse dispositivo, embora sem dúvidas amplie consideravelmente o público e de fato fortaleça sua aceitação, especialmente, como é no caso de Des Barreaux, as peças mais comprometedoras são publicadas juntamente com textos perfeitamente aceitáveis.

Este é especialmente o caso do *Recueil de pièces nouvelles et galantes*, onde aparece em 1667 um bom número de poesias de Des Barreaux tanto “filosóficas” quanto amorosas; uma bela realização *in-12*, em dois volumes (o primeiro já havia

sido publicado em 1663), portando o nome do famoso Pierre Marteau de Colônia, mas na verdade, devido à Jean Elzevier de Amsterdam<sup>12</sup>. Contém uma grande variedade de peças em prosa e em verso cujo único ponto em comum parece ter sido o fato, como diz o livreiro, de que circularam primeiramente sob forma manuscrita e que são procuradas por “curiosos”<sup>13</sup>. Encontram-se também obras bastante díspares, assinadas e anônimas, que, pelos motivos mais variados, não parecem poder ter o benefício de uma publicação autorizada: a *Voyage* de Chapelle et Bachaumont, que tem dessa forma sua primeira edição, compara ali a alegoria galante do abade Paul Tallemant (*Le Voyage à l'île d'amour*), a carta de Scarron a Fouquet sobre seus problemas com Boileau, a elegia de La Fontaine destinada ao intendente encarcerado Fouquet, uma parte das sátiras de Boileau (o resto já havia sido publicado no ano anterior), as cartas da Senhora Motteville, as peças da Senhora de la Suze, da Senhora de Scudéry, de Pellisson, etc. Todas essas peças são produzidas na corte de Louis XIV ou estreitamente relacionadas a ela e, de acordo com os textos, supõe-se motivos diferentes para sua rejeição (ou promoção) à publicação clandestina: razões políticas, atentado aos bons costumes e ao decoro, até mesmo em raros casos devido à religião, uso de nomes e eventual comprometimento público de personagens importantes, qualidade e sexo dos autores impossibilitando a publicação...

Mas algumas dessas peças parecem *a priori* não apresentar nenhum caráter transgressivo ou ofensivo (versos de louvor ao rei ou a Colbert por exemplo), e, sem dúvida, só devem sua presença nessa dupla coletânea ao fato de gozarem de uma certa reputação por não terem sido impressas até então ou sendo impressas recentemente, e conservando assim “os atrativos da novidade” (especialmente no caso de Boileau).

Vê-se assim a que ponto as poesias de Des Barreaux são de fato, por seu modo de publicação, integradas ao fluxo da produção de peças mundanas e curiais, o que no entanto não tira seu caráter indubitavelmente subversivo. Mas esse ambiente editorial evidentemente contribui para caracterizar a aceitabilidade restrita que tentamos analisar aqui, e que é de fato caracterizada por uma certa amplitude e leveza.

As observações anteriores não valem somente para a produção e a circulação de textos, mas também, e mesmo *a fortiori*, para o discurso e para os comportamentos, ainda que

seja sempre necessário distinguir cuidadosamente a aceitabilidade dos textos da aceitabilidade de práticas e ações de que tratam os textos, conforme a famosa palavra de Théophile se defendendo de seus acusadores: “Fazer versos de sodomia não torna um homem culpado do fato; poeta e pederasta são duas qualidades diferentes” (*Apologie de Théophile*).

Veremos justamente que se trata, dentre outras coisas, de sodomia na reputação de Des Barreaux em relação a Théophile. Os versos atribuídos a Des Barreaux que nos foram conservados são quase isentos de alusões à sodomia, mas, por outro lado, sua poesia compreende uma série de peças de grande irreligião, até mesmo de um ateísmo consumado.

É a circulação desses versos, o fato de terem sido copiados à mão e impressos de maneira estritamente clandestina, que consideramos como um caso de aceitabilidade restrita de enunciados cuja publicação autorizada – a proposição de um livro impresso onde figura o nome do autor, com privilégio, dedicatória, etc. - era, sem sombra de dúvida, considerada inaceitável.

Mas, o caso Des Barreaux oferece outra dimensão: Ao contrário de seus escritos licenciosos e ímpios, confinados à clandestinidade, era ele mesmo um personagem público, um personagem conhecido, sobre o qual transitava desde sua juventude e ao longo de sua vida, canções, epigramas, versos satíricos e anedotas de todos os tipos. Era um personagem de reputação sulfurosa, senão propriamente escandaloso, em todo caso, conhecido por ter suscitado, por várias vezes, escândalos pontuais. Mas nunca foi seriamente investigado pela justiça nem parece ter passado pelo mínimo ostracismo social nos espaços onde frequentava, particularmente a corte<sup>14</sup>. Isso é também extremamente interessante no âmbito de nossa análise: o fato dele ter sido imensamente aceito – sem ostracismo, rejeição, marginalização ou repreensão por seus contemporâneos – apesar de que todos, absolutamente todos aqueles que se pronunciaram sobre esse assunto, o descreveram como um personagem costumeiramente de atos e de palavras escandalosas.

Podemos perguntar o porquê. A primeira resposta que vem à mente é, evidentemente, a invocação do status social: Des Barreaux provém de uma rica e poderosa família de togados, uma velha família de magistrados provenientes de Orleans; ele mesmo exerceu por um período a magistratura comprando em

1625 um cargo de conselheiro e liberando-se dele mais que rapidamente, considerando o que se conta sobre isso<sup>15</sup>.

Recordamos ainda alguns elementos sulfurosos em sua genealogia: seu avô, Jacques Vallée, que foi intendente de finanças<sup>16</sup>, do qual dizem ter morrido ateu em Orleans e principalmente seu tio-avô, Geoffroy Vallée, morto na fogueira em 1574, por ter escrito *Beautitude des Chrétiens ou le Fléo de la Foy*, panfleto acusado de ateísmo. Entretanto, isso não fez, de forma alguma, dos Vallée uma família amaldiçoada. Ela era e permaneceu uma grande e poderosa família de nobres, perfeitamente integrada à corte e ao sistema do Estado.

Des Barreaux se beneficiava de forte proteção, em particular a proteção de Gaston d’Orleans, o irmão de Louis XIII; ele devia, portanto ser considerado como intocável, ou ao menos como muito difícil de ser atingido. Mas, isso não é suficiente, e é preciso avançar na análise, que de fato leva necessariamente a constatar que a tolerância fatural do desvio na sociedade parisiense, urbana e curial do século XVII, foi muito mais significativa do que nos faz pensar o rigor moral expresso na época em um número incontável de obras religiosas. Mas, certamente existe uma forte ligação entre essa tolerância e o status social dos desviantes, como é fácil evidenciar. É assim que entendemos, por exemplo, os conselhos de um médico a seu filho, dessa forma é Guy Patin, impondo seu destinatário a se manter longe da libertinagem dos grandes. Um simples filho de médico não podia certamente se beneficiar da mesma impunidade que o neto de um intendente de finanças.

Assim, Des Barreaux apresenta um duplo caso de aceitação e de aceitabilidade, em dois níveis distintos: os escritos clandestinos, protegidos por sua semi-clandestinidade, e um personagem público, tudo menos isolado, perfeitamente integrado à vida curial e mundana. Tanto não é isolado que pertence a uma ou mais redes de amigos, todas, mais ou menos, também acusadas de desvios (e/ou que ostentam como ele seu próprio desvio), mas que eles mesmos disfrutaram amplamente de uma impunidade legal e de uma tolerância social, devido ao peso social, mas também devido ao fato que – é o que se deve examinar – os limites da aceitabilidade eram na sociedade francesa do século XVII, em regime cristão (no próprio período da retomada católica na França), muito mais brandos e elásticos do que se imagina. Contudo, sem dúvida, não se deve falar da “sociedade francesa” em geral, pura abstração, mas dos lugares

sociais específicos, onde parece que em certos momentos a tolerância dos discursos e dos comportamentos teriam tido muito mais amplitude do que poderíamos estar inclinados a acreditar: a corte em particular, mais também os cabarés (alguns), algumas mansões, até mesmo casas burguesas e etc.

Evocamos a pertença de Des Barreaux a redes de personagens considerados “*déviantes*”. Trata-se, particularmente nos anos de sua maturidade, de um grupo inteiro que gira em torno de Gaston d’Orleans e do próprio Gaston, pelo menos antes de sua “conversão” nos anos 1650: a aristocracia de toga e a aristocracia militar como Bardouville, Aubijoux, Fontrailles, Rivière, Coulon, Blot, Saint-Pavin, Félix de La Mothe Le Vayer (irmão de François), Valliquierville, etc.<sup>17</sup>. Todos esses nomes são evocados por Pintard no seu livro *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*<sup>18</sup>. Essas pessoas são na verdade designadas como “libertinas” ou “espíritos fortes” e são também perfeitamente integradas, em sua maioria, à corte e à cidade, e fazem parte, sem nenhuma dúvida, do que se chamaria em termos marxistas a classe dirigente.

Examinaremos passo a passo, diante de nossa frágil distinção entre a publicidade do personagem e a clandestinidade ou a semi-clandestinidade dos escritos, a imagem do homem e seus escritos, que correspondem inteiramente ao personagem público e fazem, sem dúvida, parte da construção da sua reputação, tudo sendo mantido em um estado de clandestinidade relativa. A distinção é então analítica, mas corresponde a uma realidade que nos interessa destacar: os escritos são menos aceitáveis que o personagem, seu comportamento e seus atos, ao passo que fazem parte do comportamento e dos atos. Deveríamos dizer: os escritos são, entre seus atos, aqueles que são julgados os menos aceitáveis dentro de uma perspectiva de uma publicação autorizada e autoral, de forma que são reduzidos a uma publicação reservada, considerada aceitável enquanto que reservada. É significativo que seus versos apareçam em uma impressão não autorizada em 1667, de forma anônima. Este paradoxo, sem dúvida, não chega a sê-lo: a reputação, já vimos, é em si-própria contida essencialmente em vias de publicação reservadas, semi-clandestinas – ela não é acusada nos escritos públicos autorizados. É dessa forma que ela é aceitável, como os supostos escritos do personagem, enquanto que a publicidade que lhe é feita é contida, mais pela natureza da publicação, não

oficial, privada da caução que só a autoridade pública pode proporcionar do que pelo alcance de sua difusão.

### ***L'historiette de Tallemant***

Tomaremos *l'historiette* de Tallemant como fio condutor: é escrita na época de Des Barreaux, provavelmente por volta de 1657, com exceção da última frase, que foi acrescida após sua morte<sup>19</sup>.

A primeira coisa a notar é que o próprio autor das *Historiettes* escreveu na perspectiva de uma restrita difusão manuscrita. Muitas das informações que ele traz e das considerações que ele faz, inserem-se no âmbito da aceitabilidade restrita a qual queremos abordar: "Eu pretendo falar do bem e do mal, sem esconder a verdade, e sem fazer uso do que do que é encontrado nas Histórias e Memórias impressas. Faço isso tão livremente, por saber que essas não são coisas para serem destacadas, ainda que talvez não deixem de ser úteis. Eu as ofereço aos meus amigos que me rogaram"<sup>20</sup>. Há então de um lado histórias e memórias impressas que contêm coisas publicáveis, e de outro lado as historietas, incluindo todo o conteúdo de conversas privadas e memórias do autor. O objetivo é comunicar informações consideradas pelo próprio autor como impúblicas.

Na historieta dedicada a ele, Des Barreaux é apresentado como um pervertido, desavergonhado desde muito jovem por Théophile e seus amigos, "que perdeu o pai muito cedo, e se encontrava frequentemente com Théophile e outros pervertidos, que envaideceram seu ego, e levaram-lhe a fazer várias indecências. Foi para ele que Théophile escreveu suas cartas em latim, onde há a inscrição: *Théophile Vallaeo suo*. Ele não deixou de dizer naquele momento que Théophile estava apaixonado, e o resto". O jesuíta Garasse escreveu em suas *Mémoires* que as cartas em latim de Des Barreaux para Théophile, encontradas durante a fuga dele na Inglaterra, seriam suficientes, não fosse sua pouca idade, para submetê-lo à mesma pena de seu tio-avô<sup>21</sup>". Uma carta do Procurador-Geral Mathieu Molé a Dupuy, escrita pouco depois da prisão de Théophile (1º de outubro de 1623), parece confirmar a acusação, se o amigo em questão for mesmo Des Barreaux: "Você sabe a pena que sempre tive da alma daquele de quem encontramos as cartas, e quantas vezes acusei sua libertinagem" e destaca, aparentemente

para queixar-se disso que "essas cartas foram mostradas para todo o mundo"<sup>22</sup>. Isso prova que aos 24 anos Des Barreaux já tinha uma sólida reputação, mas era claramente protegido pelo mesmo homem que ia processar Théophile, provavelmente em respeito a sua posição social e à sua família. Além disso, em 1623, Garasse em sua *Doctrine des beaux esprits*, nunca cita Des Barreaux nominalmente; não o denuncia publicamente, ao contrário de Théophile, ao passo que indubitavelmente lhe faz alusão, no que se refere a sua descrença<sup>23</sup>.

Tallemant acrescenta que "algum tempo após a morte desse poeta, em uma farra onde estava o Conde de Lude, Des Barreaux começou a gritar, pois sempre fora esse seu defeito, e o conde disse, rindo: 'Ora, pela viúva de Théophile, parece-me que você faz mesmo muito barulho'". Ele vai manter essa reputação por muito tempo: por exemplo, na coletânea de vaudevilles manuscritos: *Les Roquentins de la cour*, que leva a data de 1634, lemos sempre sobre sua suposta relação com Théophile (morto há já oito anos): "Do perverso prazer da vida / Que se chama Sodomia / O Conselheiro Des Barreaux / conhece todos os prazeres novos"<sup>24</sup>. Os mesmos vaudevilles o acusam então de praticar sodomia com a sua amante: "Des Barreaux ama Mesliant / Mas você não sabe como / Ele a acaricia por trás / Théophile lhe disse ao morrer / Que ele lhe fazia um pedido / para sempre temer pela frente"<sup>25</sup>. Esta é uma clara alusão ao famoso soneto de Théophile no *Parnasse satyrique* acima mencionado.

Logo após, Tallemant evoca sua relação comprovada com Marion de l'Orme, tornando-o responsável pela educação sexual desta que se tornaria a maior cortesã que já conheceram. Existem repercussões desta ligação muitas vezes vista sob o prisma da série de poemas através dos quais Des Barreaux expressou esta ligação, ou pelo menos são considerados assim por seus conterrâneos que as observam. Ele se referiu em particular à concupiscência de Richelieu para com sua amante, também informada por outras fontes. Todo este *corpus* em todo caso tende, pela forma e pelo conteúdo dos versos, e pela aventura que supostamente evocam, a manter Des Barreaux no padrão de comportamento neo-petrarquista, evidentemente heterossexual, perfeitamente adequado para o jovem aristocrata que é, para quem a atividade de versificação é também e talvez, antes de tudo, a afirmação de uma identidade social.

Mas Tallemant, como de costume, conta a aventura com grande crueldade, fornecendo detalhes escabrosos sobre os lugares e as condições dos encontros ("ele ficou oito dias escondido na casa dela em um escritório sombrio onde colocavam madeira: ali ela o dava de comer, e à noite ele dormia com ela"), evocando também os repetidos abortos da jovem, com a qual ele também afirma que o poeta teve um filho. A figura que ressalta é ainda aquela de pervertido impenitente, que "coloca Marion em situação difícil". Pode-se notar ainda que o relato de Tallemant é grande cúmplice das maldades que ele descreve, por exemplo, o relato sobre a sobrinha de Marion que tinha dito "vi o senhor Des Barreaux dormir nesta sala com minha tia, mas não deveria acontecer nada já que se deitava em pé".

A perversão sexual, aliás, tão comum (não fosse a reputação que Marion De Lorme construiu mais tarde) vem acompanhada principalmente pela impiedade, a bem da verdade, tão suspeita quanto veemente:

Des Barreaux sempre foi ímpio ou libertino<sup>26</sup>, muitas vezes apenas para se passar por bom companheiro. Ele se deparou com uma grave doença que contraiu, pois fez-se parvo e transou com muitas relíquias. Alguns meses mais tarde, depois de ouvir um sermão do abade de Bonzez [Bourzeis], disse por intermédio da Sra. Saintot que gostaria de atacar pela religião. "Eu também o quero, respondeu o abade, à primeira doença que ele contrair".

Dado isso, Tallemant diz que, no momento em que escreve, Des Barreaux "insinua que ele enfatizou sua doença afim de não perder as quatro mil libras de rendas que esperava de sua mãe", que era muito hipócrita. Entretanto, o texto termina com uma frase dizendo que o poeta "teve todas as oportunidades para declamar a palinódia; fez-se de morto, como fazia quando estava doente", para ser bem claro<sup>27</sup>.

De fato, existem vários textos que fazem referência a essa morte cristã e confirmam suas relações com um monge do carmo com quem tinha encontros espirituais, mas também era companheiro de mesa e de bebida. Daí o nome atribuído à Capela fazendo alusão a um "quarto de conversão" (*Menagiana*)<sup>28</sup>.

Eis, de qualquer modo, o que faz parte da figura de Des Barreaux tal como fora em vida e tal como vai permanecer:

ímpio quando em boa saúde e religioso tão logo fica enfermo. A esse respeito, existem várias peças em versos; Saint-Pavin declara: “Enfermo, é homem de bem: / Em plena saúde, um grande ímpio”<sup>29</sup>. Segundo um epigrama anônimo: “Des Barreaux nos diz nesse caso / que ele não acredita nem no Diabo nem em Deus / mas é pura bravata / acredita quando está enfermo”<sup>30</sup>.

Ele próprio fez um soneto muito célebre sobre sua conversão em um manuscrito que tem a seguinte menção: “Soneto (...) que ele proferiu antes de receber o Santo Viático.”

Com base nessa reputação Pierre Bayle (“no seu *Dictionnaire historique et critique*, com o verbete Des-Barreaux”), no fim do século, fez de Des Barreaux o próprio tipo que ele denomina como o ateu de “perversão”, cujo ateísmo é somente de exibição e de postura, ele se opõe ao ateu completo ou “de sistema”, virtuoso, discreto e consequente, como pôde sê-lo Spinoza.

Segue, na *Historiette*, uma série de relatos propagados sobre escândalos pontuais cometidos por Des Barreaux, quase sempre em relação ao consumo sem moderação de bebida alcoólica (que é perfeitamente aceita, o consumo do álcool não é um ponto crucial na denúncia da libertinagem, é uma espécie de elemento do ambiente; uma vida desordenada deve ser alcoolizada).

Esses atos aparentam ora banais ora graves, mas eles estão todos postos no mesmo plano por Tallemant, que invoca a insolência e a embriaguez. Assim, durante sua viagem à Itália, ele teria descoberto uma gôndola fechada, um ato aparentemente julgado dos mais transgressivos em Veneza, e ele teria sido espancado por isso<sup>31</sup>. Outra vez, ele fora espancado em um baile por um criado que ele havia humilhado ao lhe ter arrancado a peruca, e recebeu tantos golpes que quase foi trepanado<sup>32</sup>.

Outros escândalos têm consequência maior, onde se encontra uma ímpia de fachada. Trata-se de cenas blasfêmicas em lugares de culto ou diante dos religiosos, sem discriminação de credo:

Um dia em que tinha bebido, ele viu um que, padre levando *corpus Domini*, tinha um barrete; aproximou-se dele, jogou seu barrete na lama, e lhe disse “que era muito insolente cobrir-se na presença do Criador”. O

povo se emocionou, e sem qualquer pessoa com consideração que lhe pudesse salvar, foi apedrejado.

### Ele e seu grande amigo o abade Picot<sup>33</sup>,

[...] passaram em Montauban e no templo de religião puseram-se, em um dia de pregação, a cantar canções de beber ao invés do salmo. Não poderiam estar bêbados porque eram oito horas da manhã. Sem o senhor Daliez<sup>34</sup>, homem galante daquela localidade, iriam jogá-los pela janela.

No verão seguinte, correu grande perigo de ser atacado por camponeses em Touraine. Fora ver um de seus amigos no interior, na casa de quem ele viu dois frades se deitarem. Disse ao dono da casa que queria ser ateu, para rir dos padres; ele não teve dó e disse tantas coisas que os religiosos disseram que não dormiriam mais sob o mesmo teto desse diabo, e foram procurar abrigo na casa do pároco. Os moradores do vilarejo enfrentaram um forte vento e naquela noite, por infortúnio de Des Barreaux, as vinhas congelaram<sup>35</sup>, e eles acreditaram que era esse homem mau o responsável por isso, e puseram-se a cercá-lo na casa do senhor; estavam tão obstinados, que houve dificuldades para salvar o cavaleiro, que continuou a ser perseguido por um longo tempo.

Estas são cenas típicas frequentemente encontradas nas *Historiettes* de Tallemant e, de forma semelhante, nos romances cômicos: os *États et empires du soleil* de Cyrano, as *Aventures de Dassoucy*, e o primeiro de todos, *La Première journée* de Théophile, que relata com detalhes um episódio onde o amigo do narrador Clitiphon recusou inclinar-se na rua diante de um padre carregando o santo viático e por pouco não fora linchado. Os comentaristas foram ver imediatamente Des Barreaux em Clitiphon (no entanto huguenote na narrativa) e identificar a cena na qual o barrete do padre é jogado na lama<sup>36</sup>.

Mas a documentação judicial descreve também cenas similares e encontramos uma precisamente nos atos do processo de Théophile. O poeta teria cometido um escândalo em Saint-Affrique em 1615, sustentando publicamente “propósitos ímpios e abomináveis e, entre outras coisas, dizia que a Santa virgem mãe de Deus era uma vadia e aqueles que se diziam santos e

santas no paraíso eram safados”. Safou-se somente, segundo o testemunho, com a intervenção do visconde de Panat, amigo do poeta, governante da cidade.

É ainda uma cena similar, embora menos grave, o que relata a gazeta versificada de Loret em 1653 a respeito de um escândalo de Coulon e Fontrailles, que em uma carroça que partira de Tours, teriam “expulsado” monges feuillantes e insultado “damas de conduta ilibada”. Esse episódio é apresentado como a causa de sua desgraça frente a Gaston, doravante convertido<sup>37</sup>.

Todas estas cenas apresentam praticamente a mesma trama narrativa: o "libertino" cria um escândalo público, atacando-se a coisas da religião pelas palavras ou pelos atos, na presença de populares, ou seja, um povo de baixa instrução, que manifesta sua superstição e tenta linchar o encenqueiro, que somente é salvo *in extremis* pela intervenção de pessoas de qualidade, cúmplices ou não.

Seguramente podemos nos perguntar o quanto há de realidade nessa cena repetida o tempo todo (embora estivéssemos errados se a considerássemos sem importância), mas, de qualquer forma, ela mostra uma coisa: o que é, ou melhor, o que seria inaceitável para o povo, é na verdade aceito, pelo menos considerado, como não merecedor da ira popular nem dos tentáculos da justiça acionada por pessoas bem nascidas. Isto se deve sem dúvida à solidariedade nobre e a razões culturais: a aristocracia teria ideias mais amplas e não se escandalizaria tanto, pelo menos não por atos cometidos diante de pessoas menos nobres; o que demonstra sobretudo que certos atos de blasfêmia são minimizados pelos testemunhos de qualidade, porque são executados diante de um público popular, porém seriam muito mais graves se a autoridade pública de grandes personagens estivesse diretamente envolvida. Contudo, a ideia aqui é de que a cena de blasfêmia é propriamente cômica, pois destinada a chocar a ralé.

Além disso, notemos que esses escândalos ocorrem quase sempre durante viagens, em lugares onde o “libertino” está afastado de seu espaço habitual, o que pode ser um elemento difícil de interpretar (sabendo-se que ele controla mais sua conduta quando está em sua casa, em Paris, por exemplo, ou quando se encontra em um meio onde o escândalo é muito mais difícil de ser provocado).

Os textos que o retratam *in situ*, na sociedade, na corte, na cidade, numa taberna, num baile ou num cabaré com seus amigos ou não, evocando certamente seus excessos, mas para sobretudo fazer dele um pervertido, um beerrão, um libertino, particularmente extrovertido, provocador, “escandaloso”, colérico, grande personagem de “frivolidades”, sobretudo no final de sua vida (Chorier, Tallemant, etc.) cuja impiedade pública é minimizada pelo fato de que isso nada mais seria senão uma fachada, como escreveu Chorier (O autor dos muito libertinos *Dialogues de la pseudo Sigée*): “Em termos de fé, ele mentia para si mesmo: não acreditava em sua própria impostura”, etc.<sup>38</sup>).

Chorier reconhecia contudo sua erudição e seu conhecimento. Este é, aliás, um ponto muito interessante: destaca-se o fato de que Des Barreaux era entusiasta da filosofia. Como Naudé, ele havia viajado pela Itália para seguir os cursos de Cremonini (como constataram vários de seus contemporâneos, como Falconet e Patin<sup>39</sup>), e uma carta em latim de Théophile a Luillier, do outono de 1625, atesta que ele se envolvia em leituras e especulações sobre a “origem do mundo”<sup>40</sup>, muito provavelmente materialistas (esta é, a propósito, uma carta de Théophile jamais citada, e que atesta ainda, a nosso ver sem qualquer dúvida, que apesar de sua prisão e de suas alegadas palinódias e arrependimentos, o poeta sempre teve um espírito completamente dissociado da religião cristã). Des Barreaux era, de fato, um erudito que possuía competências em línguas antigas, em ciências e filosofia (não esqueçamos que ele foi um aluno da Flèche, e foi lá que conheceu Descartes). Esse fato pode ainda ser deduzido da coerência especulativa de suas poesias ditas “libertinas”. Mas seus contemporâneos não insistem muito nesse aspecto das coisas, que atribuem mesmo assim certo peso ao seu desvio de conduta. Na realidade, eles parecem debochar disso; isso não lhes interessa muito, e, sobretudo, não convém ao personagem do “ilustre pervertido”, tal como foi construído e tal como ele mesmo se apresenta.

Há ainda outra coisa; ele parece ter possuído, segundo Chorier, um talento particular para se tornar aceitável mantendo propósitos inaceitáveis:

Havia nele, na flor da idade, uma vitalidade, uma amenidade, de modo que muitas das inépcias, que diizia em sua loucura sobre a natureza das coisas, não deixavam de ter civilidade ou charme. Os ignorantes

estavam surpresos, estupefatos: de fato, eles gostavam de ouvi-lo falar, e, no entanto, se indignavam por ele ter a audácia perversa de abordar, considerando o assunto, sem que se possa pensar em desonra<sup>41</sup>.

Assim, se lermos bem essa difícil passagem, Des Barreaux tivera o dom de pronunciar seus mais escandalosos enunciados, em tom e maneira que conservasse a simpatia dos ouvintes apesar de tudo.

Uma última passagem de Tallemant, que incide sobre a reputação presente de um Des Barreaux envelhecido, constitui uma boa transição sobre seus poemas.

Bem longe de se consertar na velhice, ele fez uma canção onde consta: “E, por minha razão, eu viro alvo/virando besta bruta.”. Ele prega o ateísmo por todo canto onde se encontra, e uma vez fora a Saint-Cloud em Ryer passar a semana santa, com Miton, grande jogador, Potel, o conselheiro em Châtelet, Raincys, Moreau e Picot, para fazer, dizia ele, o carnaval deles<sup>42</sup>.

Em outras palavras, Des Barreaux é sempre o mesmo, pregando o ateísmo em todos os lugares, o que significa que em todos os lugares lhe deixam pregar sem se emocionar muito... O ateísmo, expresso nas declarações orais e escritas – suas poesias – do homem Des Barreaux (não esqueçamos que *l'historiette* é escrita com Des Barreaux ainda em vida) é de notoriedade pública e julgado como aceitável. Pode-se notar, porém, que quase sempre se trata dos escritos inéditos, no sentido de uma publicação formal: em canções que percorrem as ruas e nas tabernas e, finalmente, textos e cartas privadas. Des Barreaux evita, até o fim, o escândalo público, a difamação pública do seu nome, uma acusação pública e autorizada que teria exigido do poder público a intervenção, como ocorreu no caso de Théophile.

Precisamente suas próprios textos, suas poesias pertencem a esse espaço reservado, esse espaço de comunicação restrito, em que são aceitos e procurados. Evidentemente, como são semi-clandestinos, eles não são admitidos pelo autor, e não são poucas as incertezas que permanecem sobre a paternidade de alguns deles. No entanto, um conjunto dos sonetos ditos "libertinos", atribuídos a ele nos manuscritos, tem unidade estilística e lexical suficiente, para que possamos pensar que ele é realmente o autor.

### A obra transgressiva de Des Barreaux

Dois versos de uma canção atribuída a Des Barreaux, como já vimos, são citados por Tallemant: “E, por minha razão, eu viro alvo / virando besta bruta”<sup>43</sup>. Quer dizer, literalmente, proponho-me como alvo, usando minha razão, para tornar-me “besta bruta”; “bruta” para dizer desprovido de razão. Trata-se, aliás, de um procedimento muito mais radical que o “simples” ateísmo, que certamente mantém, na maioria das vezes, uma boa relação com a razão; um procedimento que consiste em um projeto de auto-aniquilação da razão, *a fortiori*, ateísta. Esta é, pelo menos, a análise doutrinária que pode ser feita, que não se pode separar da retórica da irrisão e da provocação ali cometidos.

Estes dois versos são bem conhecidos, porque foram evocados por Pascal em sua obra *Pensées* (Pensamentos). “Alguns quiseram renunciar às paixões e se tornarem deuses. Outros quiseram renunciar à razão e se tornarem fera bruta.” E Pascal acrescenta então o nome de Des Barreaux (Lafuma 410). O mesmo encarna para Pascal o “libertino” misólogo, que queria ser um animal desprovido de razão para escapar à consciência da miséria e da grandeza do homem, mas não o pôde fazer.

A peça de onde foram tirados os dois versos citados por Tallemant está perdida. Por outro lado, tem-se um soneto que possui como epígrafe: *Qui addit scientiam addit et laborem*. (“quem aumenta seu saber, aumenta seu sofrimento.” Eclesiástico, 1, 18) onde Des Barreaux declara: “Eu me degrado em razão, / Quero tornar-me um pequeno ganso / E me salvar na ignorância // Sempre bebendo do melhor / Aquele que crê no conhecimento / Não faz mais do que intensificar sua dor”. Desse modo, Des Barreaux não se inscreve exatamente na tradição filosófica mais difundida entre aqueles que são chamados de libertinos, composto eclético de inspiração estoica e epicurista, para a qual o uso da razão conduz o sábio a uma vida de acordo com a natureza. Toda uma tradição, com Montaigne, insistia também sobre a presença de uma faculdade racional existente no próprio animal, de modo que a reabilitação do animal não implicava a negação da razão.

Para Des Barreaux, pelo contrário, a razão era a fonte de todos os males. É ela que inflama todas as paixões destrutivas. “Os arrependimentos do passado, o medo do futuro, / O sofrimento do presente, pensar que é preciso acabar / Quem nos liberta vivendo os mais severos ataques, // Os crimes que cometem o ferro e o veneno, as lágrimas, os suspiros e as preocupações / São os belos presentes que a razão te dá”<sup>44</sup>.

Des Barreaux também busca sobretudo alcançar um naturalismo de tipo cínico, rejeitando os artifícios do logos criador de leis e de coerção e toma por meta uma ignorância de tipo pirronista, como o exemplo do porco sobre o barco pego pela tempestade que Pirro toma como modelo de conduta (Diogène Laërce retomado por Montaigne<sup>45</sup>), ao qual associa modelos neo-epicuristas que oscilam entre o hedonismo elegíaco da *Première journée* de Théophile, (o próprio Des Barreaux escreve, “Eu sempre tive bastante do gosto das boas coisas / Amo ver o Sol e o carmesim das rosas”<sup>46</sup>) e a brutal injunção do barão de Blot: comer, beber e fornicar<sup>47</sup>.

A razão é fonte de todas as aflições e todo o prazer vem dos sentidos. Daí vem o preceito: “estudamos mais pelo deleite do que pelo conhecimento”<sup>48</sup>, / E nos servimos mais dos nossos sentidos do que da razão.” Mais que isso, é preciso ir contra a faculdade que nos faz ver nossos problemas, nos diz sobre a nossa condição, nos faz saber a verdade, que a morte é irremediável e, sobretudo, total (“De um sono eterno minha morte será seguida / Eu entro no vazio quando eu saio da vida”<sup>49</sup>): “Renuncio ao bom-senso, eu tenho inteligência”<sup>50</sup>.

Des Barreaux reduz assim o homem à sua condição animal, mas no que ela possui de mais material, de mais físico e menos intelectual: “O que faz esse homem que tem a razão por partilha / E que do Deus vivo é a imagem viva? // Levantar-se, deitar-se, dormir, comer e beber e, depois, arrotar, dormir, peidar, defecar e urinar / Oh, que bravo animal é o homem, veja, veja!”.

A vaidade do homem e, portanto, da vida humana; famoso tema de *Eclesiastes*, já amplamente descristianizado, antes de Des Barreaux, por outros: Montaigne e Charron, primeiramente; vaidade na pretensão humana em dominar o mundo animal do alto da sua razão, imaginando que uma parte do nosso ser permanece alheia à ele, infinitamente superior a qualquer forma de animalidade, que torna o homem a imagem de Deus, como um pequeno deus na terra.

Des Barreaux é, certamente, um hedonista, mas exasperado e desesperado, que julga a parte de sofrimento e de angústia sem ter como comparar com a de prazer que o depravado mais resoluto é capaz de obter. É por esta razão que ele é assombrado pelo motivo (barroco, talvez) da vaidade de todas as coisas e do triunfo da morte, no qual ele levanta toda a dimensão espiritual e cristã. Também, ele não poupa maldições contra a morte. Seja o soneto intitulado *Sur la Mort*: "Ruína dos humanos, oh morte abominável! / ... / Ela pega por trás, ela pega pela frente" (a referência obscena aqui é evidente); "Alguns me dirão, por que se preocupar com isso, / Por que se atormentar, isso é um mal sem remédio. / E é isso, caramba, que me enfurece"<sup>51</sup>.

Nos seus discursos de consolação cristã ou filosófica, Des Barreaux opõe a maldição, o insulto, a raiva, à antítese da resignação piedosa, mas também do controle razoável e racional das paixões. Em outro soneto, que estimula o leitor ("mortal") a experimentar "todos os prazeres que a natureza permite", Des Barreaux instaura uma espécie de dialética ou de exasperação mútua, da "dor" do pensamento da morte e dos prazeres naturais: "... não conheço maior felicidade na vida, / do que ter razões para enfurecer a morte"<sup>52</sup>.

Isso equivale a se posicionar contra a condição natural do homem, da maneira mais lúcida, numa indiferença caracterizada pela questão da origem: "Deus, Natureza ou Destino, como tu nos prejudicas! [...] quem quer que seja dos três, que conduzas a sorte"<sup>53</sup>. Na realidade, por trás dessa dúvida (que reside em fazer de Deus a mesma coisa que "Natureza ou Destino"), o princípio que não para de invocar e acusar o poeta é "a Natureza": "Mortais, como vocês acreditam, quando vocês vêm nascer / Obriguem a natureza, oh que traição!"<sup>54</sup>; "Você não nos dá nada, Natureza traiçoeira"<sup>55</sup>; "Que injustiça, que injúria / Que indignidade da natureza"<sup>56</sup>.

É a natureza que nos faz miseráveis, mortais e especialmente conscientes de sê-lo. Ela nos oprime com os males, e o pior deles é o conhecimento que temos. É por esta razão que ela merece toda a nossa indignação. A expressão de raiva e indignação contra a natureza madrasta - que é *a fortiori* blasfematória, pois Deus, neste caso, é contado por nada ou, o que dá no mesmo, reduz à natureza traiçoeira - aparece sobretudo como um prazer bem particular, o único que talvez não seja ditado pela natureza, uma vez que se opõe a ela; ele

mostra nesse gesto de desafio, que transforma em um deleite muito especial o que é tão somente o medo muito natural de morrer.

Esse prazer especial do desafio, da maldição e da blasfêmia, está completamente inserido na composição e declamação do poema, exercício no qual Des Barreaux parece possuir excelência. Está numa esfera eminentemente social, vive entre a provocação e a cumplicidade apuradas pela declamação oral e a circulação de declarações escritas que seriam inaceitáveis no âmbito de uma ampla publicação impressa, mas que são aceitas, buscadas e finalmente apreciadas na sociedade aristocrática a qual ele frequenta, e onde seria igualmente incorreto acreditar que ele só contava com detratores ou somente com fortes de espírito em consonância com suas proposições. Além disso, é muito significativo que tantos contemporâneos duvidem de sua adesão a seus próprios dizeres, o que significa que eles não consideram impossível, mas em qualquer caso, difícil de acreditar. Não é menos verdade que, nesse espaço que separa a provocação e a cumplicidade, a ostentação e o recuo, a extravagância e a lucidez, as proposições escandalosas e o jogo de versos, nesta área intermediária, no limite do inaceitável, essas declarações eram aceitas e até mesmo apreciadas da mesma maneira como ocorreu com seu autor, a despeito ou por causa do comportamento considerado alternativamente ou simultaneamente transgressivo e inofensivo, chocante e ridículo.

### BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, C. K. *Gaston d'Orléans et sa cour: Étude littéraire*. Chapel Hill : University of North Carolina Press, 1964.
- ADAM, Antoine. *Théophile de Viau et la libre pensée française en 1620*. Genève : Slatkine, 1935.
- BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique et Critique*. 5ª edição, corrigida e aumentada com observações críticas, vida o do autor por Des Maizeaux. Amsterdam (Trévoux), Compagnie des Libraires, 1734, 5 tomos.
- BOUGUEUIL, G. (éd.) *Le Parnasse des poètes satyriques*. Paris : Passage du Nord-Ouest, 2002.
- BROUILLANT, Léonce Janmart de. *Histoire de Pierre du Marteau, imprimeur à Cologne*. Paris : Quantin, 1888 ; Genève : Slatkine Reprints, 1971.

- CAVAILLÉ, Jean-Pierre. « Les frontières de l'inacceptable. Pour un réexamen de l'histoire de l'incrédulité », *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], Les dossiers de Jean-Pierre Cavailé, Les limites de l'acceptable, consultado em 09 de novembro de 2011. URL : <http://dossiersgrihl.revues.org/4746>
- CHORIER, Nicolas. *De Vita Petri Boessatii*. Grasse, 1680.
- DELATOUR, Jérôme, « Le cabinet des frères Dupuy », *Revue d'histoire des facultés de droit et de la science juridique*, 2005-2006, n° 25-26, p. 157-200
- DES BARREAUX, Jacques Vallée. *Recueil de pièces nouvelles et galantes*. Cologne : Pierre Marteau, 1667.
- DES RÉAUX, Tallemant. *Historiettes*. Paris : Gallimard, 1961. t. II. Direction d'Antoine Adam.
- DETHAN, Georges. *La vie de Gaston d'Orléans*, Paris : de Fallois, 1992.
- FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots françois, tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts*. La Haye, Rotterdam : Arnout & Reinier Leers, 1690
- GARASSE, F. *Mémoires*. Édité par Charles Nisard. Paris : Amyot, 1960.
- LACHÈVRE, Frédéric. *Bibliographie des recueils collectifs de poésies publiés de 1597 à 1700*. Paris : H. Leclerc, 1904. 4 volumes. (Réimprimé : Genève, Slatkine Reprints, 1967).
- \_\_\_\_\_. *Le libertinage devant le Parlement de Paris: Le procès du poète Théophile du Viau (11 juillet 1623-1er Septembre 1625)*. Paris : Champion, 1909. Publication intégrale des pièces inédites des Archives nationales.
- \_\_\_\_\_. *Le prince des libertins du XVIIe siècle : Jacques Vallée des Barreaux, sa vie et ses poésies (1599-1673)*. Paris: H. Leclerc, 1907
- PATIN, Guy. *Lettres*, éd. J.-H. Reveillé-Parise. Paris : Baillière, 1846.
- SCHAPIRA, Nicolas. *Un professionnel des lettres au XVIIe siècle: Valentin Conrart, une histoire sociale*, Paris, Editions Champ Vallon, 2003
- TALLEMANT. *Naudeana et Patiniana*. Amsterdam, 1703.
- VANEL. *Galanteries des rois de France du commencement de la monarchie jusques à présent*. Paris, 1694.
- VIAU, Théophile de. *Œuvres complètes*. Éd. critique, publiée par Guido Saba. Paris, Rome: Nizet, Edizioni dell'Ateneo, 1978-1987. 4 tomos.
- WILLEMS, A. *Les Elsevier : Histoire et annales typographiques*. Paris, La Haye : Labitte, Nijhoff, n° 1319, p. et n° 1387, p. 355

#### NOTAS

<sup>1</sup> A expressão "ilustre pervertido" foi concebida por John Chapelain em uma carta datada de 15 de dezembro de 1640 para Guez de Balzac.

<sup>2</sup> Ver o dicionário Furetière que apresenta de maneira surpreendente para nós a expressão "ilustre pervertido", conotada de maneira positiva: "Pervertido quando esta palavra é acompanhada por um epíteto favorável, ou seja, que ama os prazeres honestos, a sociedade, a vida livre. Um "ilustre pervertido".

Um Saint Amant. Um agradável pervertido. Epicuro era um pervertido muito sábio. O P. R. [Padre Rapin]. Des-Barreaux foi um famoso pervertido". Segue uma quadra encontrada na Valesiana (1693): "Des-Barreaux, aquele velho pervertido / ostenta uma reforma austera; / Entretanto não se ensimesmou / O que não mais poderia fazer. "

<sup>3</sup> Segundo Vanel, o jovem Des Barreaux era "de um espírito vivo e de uma conversa divertida, mas pervertido e ímpio ao extremo", *Galanteries des rois de France du commencement de la monarchie jusques à présent*, Paris, 1694, t. 3, p. 121.

<sup>4</sup> "Phylis, tudo é... você, estou morrendo de varíola, / [...] // Meu Deus, eu me arrependo de ter vivido de forma tão ruim : / E se a sua ira dessa forma não me mata / Faço voto de doravante de ser apenas um asno". ", *Le Parnasse des poètes satyriques*, éd. G. Bougueuil, Paris, Passage du Nord-Ouest, p. 15.

<sup>5</sup> *Recueil de pièces nouvelles et galantes*, Colônia: Pierre Marteau, 1667.

<sup>6</sup> Em se tratando de peças, a mais livre, a mais rica é sem dúvida o manuscrito adquirido pela Biblioteca de Leyde em 1980, ms. 1629, Henri de Kizielnicki, *Amorum emblemata figuris incisa studio athonis vaeni, Batabo-Lugdunensis Antwerpiae-venalia apud Auctorem, M.D.C* que atribui à Des Barreaux 28 peças. Sobre esse ms. ver ed. Baverel-Croissant, p. 184

<sup>7</sup> *Recueil Conrart*, Bibliothèque de l'Arsenal, Paris, ms. 3135, ms. 4124 (t. XIX), ms. 4128 (t. XXIII), 4129 (t. XXIV), ms. 5418 (t. IX), ms. 5422 (t. XIII).

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, o ms. Arsenal 4123, acervo Conrart, t. XVIII.

<sup>9</sup> Sobre Conrart ver a notável obra de N. Schapira, *Un professionnel des lettres au XVII<sup>e</sup> siècle: Valentin Conrart, une histoire sociale*, Paris: Editions Champ Vallon, 2003. Sobre os irmãos Dupuy, ver os estudos de Jérôme Delatour, "Le Cabinet des frères Dupuy", *Revue d'histoire des facultés de droit et de la science juridique*, 2005-2006, n° 25-26, p. 157-200.

<sup>10</sup> Ver minhas reflexões a esses respeito em *Postures libertines: La Culture des esprits forts*. Toulouse: Anacharsis, 2011, Prefácio.

<sup>11</sup> Para uma análise mais aprofundada da noção de aceitabilidade, ver nosso artigo: "Les frontières de l'inacceptable. Pour un réexamen de l'histoire de l'incrédulité", *Les Dossiers du Grihl* [disponível na web], Os dossiês de Jean-Pierre Cavaillé, os limites do aceitável, postado em 09 de novembro de 2011. URL: <http://dossiersgrihl.revues.org/4746>

<sup>12</sup> Ver Léonce Janmart de Brouillant, *Histoire de Pierre du Marteau, imprimeur à Cologne*, Paris: Quantin, 1888 ; Genève, Slatkine Reprints, 1971, p. 140-143. Sobre as duas edições de 1663 e de 1667 (em duas partes), ver A. Willems, *Les Elsevier, Histoire et annales typographiques*, Paris, La Haye, Labitte, Nijhoff, n° 1319, p. e n° 1387, p. 355.

<sup>13</sup> Primeira parte: "...Coletânea de algumas Peças Curiosas, tanto em prosa quanto em verso, feitas pelas mais belas mentes dessa época, as quais tendo circulado manuscritas por um bom espaço de tempo entre os curiosos, e tendo caído em minhas mãos, eu acreditei ser injusto para com seus autores manter por mais tempo reservado a poucas pessoas o que merece ser visto por todo mundo". Segunda parte: " Fiz outra coleção daquelas que também percorreram por algum tempo manuscritas entre belas mentes e que me foram fornecidas para serem apresentadas publicamente. O testemunho que foi dado em favor dos mesmos e a reputação dos autores que as compuseram me fizeram acreditar que eles não se queixariam menos que os precedentes e que

vocês encontrariam ainda algo mais cortês tornando bem mais recomendáveis...” n. p.

<sup>14</sup> Um exemplo, entre tantos outros: quando Marcassus publica em 1664 sua *Libre version des odes et des épodes d’Horace*, ele dedica cada peça a um personagem marcante e, como diz Lachèvre, “toda a corte de Louis XIV está presente”. Ora, Des Barreaux, homenageado em uma das odes, não é esquecido, LACHEVRE, p. 224.

<sup>15</sup> Tallemant, *Naudeana et Patiniana*, Amsterdam, 1703, p. 50.

<sup>16</sup> A respeito disso, é necessário corrigir Tallemant, que confunde o pai com o avô, ambos chamados Jacques.

<sup>17</sup> Ver o trabalho que deixa bastante a desejar de C. K Abraham, *Gaston d’Orléans et sa cour: Étude littéraire*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1964 e Georges Dethan, *La vie de Gaston d’Orléans*, Paris, Éd. de Fallois, 1992.

<sup>18</sup> Ver ainda Baverel-Croissant, em suas edições das obras de Des Barreaux *op. cit.*, p. 99-108.

<sup>19</sup> Tallemant des Réaux, *Historiettes*, A. Adam, Gallimard, 1961, t. II, p. 29-33

<sup>20</sup> Edição citada, t. I.

<sup>21</sup> Garasse, *Mémoires*, edição Charles Nisard. Paris, Amyot, p. 78. Antoine Adam, *Théophile de Viau et la libre pensée française en 1620*, Genebra, Slatkine, 1935, p. 370 nega que o autor dessas cartas fosse Des Barreaux, ao contrário do que a crítica havia deduzido até então, e a associa a esse Tircis, de quem Théophile se queixará amargamente e que segundo ele não pode ser Des Barreaux, mas sim um membro do Parlamento. Ele não explica, entretanto, porque Garasse atribui explicitamente essas cartas ao jovem amigo de Théophile e não a outro.

<sup>22</sup> Frédéric Lachèvre, *Le libertinage devant le Parlement de Paris: Le procès du poète Théophile du Viau (11 juillet 1623 - 1er Septembre 1625)* ; publicação integral das peças inéditas dos Arquivos Nacionais, Paris: Champion, 1909, p. 206.

<sup>23</sup> “Não faz muito tempo que um jovem esclarecido, que é dos principais na cabala misteriosa, veio à casa de S. Louys encontrar um de nossos pais, que tinha sido outrora seu mestre em retórica, para lhe fazer uma pergunta digna de um discípulo: pois após alguns cumprimentos, ele vai dizer-lhe friamente que veio expressamente para lhe fazer uma pergunta que lhe causaria bastante sofrimento: é, diz ele, que não consigo me convencer de que o filho de Deus não tenha encarnado depois de mil e seiscentos anos, como se gostaria que acreditássemos; o que pode isso parecer, que Deus tenha se feito homem?”, p. 267.

<sup>24</sup> BNF fr. 12491, p. 134

<sup>25</sup> *Ibid.* p. 137

<sup>26</sup> O texto bem diz “ímpio ou [antes de tudo] libertino”, “para passar por bom companheiro” o que quer dizer claramente que Des Barreaux não era verdadeiramente ímpio, mas somente libertino, ou seja, que bancava o ímpio sem o ser de maneira consequente, o que corresponde amplamente ao emprego talvez mais usual do termo em francês denotando menos uma irreligião consciente que a vontade de se gabar e de ser notado na sociedade como ímpio, o que consiste na afirmação indireta de que existia para esse tipo de comportamento um público bastante interessado. Era “chic”, em outros tempos, ou “cool”, diríamos hoje, dar-se ares de impiedade.

<sup>27</sup> Ver, por exemplo, o epitáfio atribuído à La Place: “Repousa aqui o famoso Des Barreaux / Patriarca dos incrédulos: / E que morrendo piedoso como um apóstolo, / Crê em Deus como qualquer um”, citado por Lachèvre, *Le prince des libertins du XVIIe siècle*: Jacques Vallée des Barreaux, sa vie et ses poésies (1599-1673), 1907, p. 192.

<sup>28</sup> Ver também a quadra de Valesiana supracitada na nota ii.

<sup>29</sup> BNF naf 1697, f° 131 r

<sup>30</sup> BNF, fr 12618, p. 73. Ver também Boileau, Sátira I, onde faz referência a Des Barreaux nos versos: “Quem faz o homem intrépido, e trêmulo de fraqueza, / Espera por acreditar em Deus que a febre lhe aperte / E todos os dias diante da tempestade levanta as mãos para o Céu, / Assim que o ar é clamor, ri dos fracos humanos / faz pensar que um Deus faz o mundo rodar / E controla as molas dessa máquina redonda / Ou que ele tem uma vida além da morte / É aqui bem no alto pelo menos o que não confessará”. Ver também *Satyre des satyres*, de Edme Bousault (1666): “[Des Barreaux] faz do intrépido e, trêmulo de fraqueza / Espera, por acreditar em Deus que a febre lhe aperte / E rindo do sentimento comum, / Quase que três são três e que nunca são um.” Ver o mesmo em *Fable du faucon malade*, “Ao senhor Des Barreaux, que somente acreditava em Deus quando estava doente”, citado por Baverel-Crescent, em sua edição, *Œuvres*, p. 63, 65-68.

<sup>31</sup> “Toda a embarcação está pintada de preto e envernizada; a popa dobrada de veludo negro por dentro e de lençol preto por fora, com as almofadas marroquinas de mesma cor, sem que seja permitido aos grandes senhores possuir uma diferente desta por menor que seja a particularidade; de forma que não é preciso adivinhar quem pode estar numa gôndola fechada dessas”. Presidente de Brosse.

<sup>32</sup> A veracidade dessa anedota é atestada através de uma carta de Henry Arnaud, escrita em 28 de Janeiro de 1643, um dia após o acontecimento. Citada por A. Adam, Tallemant des Réaux, *Historiettes*, t. II, p. 936,

<sup>33</sup> Claude Picot foi quem traduziu os *Principes de la philosophie* de Descartes e quem o acompanhou quando da sua visita a Descartes na Holanda em 1641.

<sup>34</sup> Jean Alies, Barão de Caussade, Senhor de Réalville, Mordomo do Roi, Coletor das Taxas e Tesoureiro da França em Montauban; em resumo, o mais alto dignatário da região.

<sup>35</sup> “congeladas” (gelées, em francês) tratar-se-ia de uma corruptela de “gresléés”, como supôs Baverel-Crescent (*op. cit.*, p. 109)?

<sup>36</sup> Théophile de Viau, *Œuvres*, Edição Saba, tomo II, p. 39 sq.

<sup>37</sup> *Muze historique*, carta 50, 14 de dezembro de 1653, citado por Baverel-Croissant, *ibid.*, p. 114.

<sup>38</sup> De Vita Petri Boessatii, Grasse, 1680, p. 80.

<sup>39</sup> “Acabaram de me dizer que o pervertido do Des Barreaux morreu; bela alma diante de Deus, se é que nele acreditava! Pelo menos ele falava tal qual um homem que não tinha quase nenhuma crença nos assuntos do além; mas ele influenciou bastante pobres jovens com sua libertinagem: diz-se que ele tinha um pouquinho de crença antes de ir à Itália; mas em seu retorno ele estava acabado: um debochado dizia que as frequentes conversas com monges o mimavam, não aquelas anacoretas da Tebaída, ou de nossa boa gente que se dedicava à devoção e aos estudos, mas daqueles que são muito numerosos nas cidades da Itália, que buscam somente Deus”, Patin para Falconet, 26 de Maio de 1666, Guy Patin, *Lettres*, ed. J-H. Reveillé-Parise, Paris, Baillière, 1846, vol. III, p. 598 (passagem citada por Bayle na

consagrada nota a Des Barreaux em seu *Dictionnaire historique et critique*). Não se diz mais nada sobre Des Barreaux; eu não sei onde ele está agora. Ele viveu da seita do Crémonin. Ponto de atenção de suas almas e quase nada de seus corpos, a não ser três pés em terra. Ele não deixou de corromper a alma de muitos jovens que se deixaram apaixonar por este libertino", Patin a Falconet, *ibidem*, t. III, p. 602 (ambos os textos são erroneamente atribuídos a Falconet por B. Croissant)

<sup>40</sup> Este interesse em cosmologia e em ciência também é indicado nos versos de Marcassus, *Les Amours de Pyraemon et de la belle Vénerille*, in *Muses Illustres*, 1658 (composto entre 1658 e esta data), poema dedicado a Des Barreaux: "Você expõe a natureza a seus melhores amigos / Descobre segredos pouco conhecidos pelo mundo / E penetrando o ar, o fogo, a terra e as ondas / Você não encontra nada neste vasto universo / que não faça ver os milagres diversos."

<sup>41</sup> Nicolas Chorier, *De Vita Petri Boessatii*, Grasse, 1680, p. 80 (agradeço a Jean Letrouit, Sylvain Matton e Alain Mothu por terem me ajudado a traduzir esta difícil passagem, em que Lachèvre comete um grave contrassenso *op. cit.*, p. 185). O mesmo texto, que ergue o panegírico de Pierre de Boissat (ele próprio muitas vezes acusado por sua libertinagem) diz também "a respeito de Deus, a eterna majestade, do qual ele se declarou o inimigo, nem Boissat, nem o Sr. de Musy nunca sofreram com suas nocivas invenções. Quando, como de costume, ele atacava, não era por uma represália ou censura que o reprimiam, mas por espirituais e agradáveis zombarias" (eu utilizo aqui a tradução de Lachèvre, *Disciples et successeurs...*, *op. cit.*, p. 186).

<sup>42</sup> *Les Menagiana* apresentam uma anedota que se parece com aquela passagem da *historiette*, como percebeu Baverel-Croissant (*op. cit.*, p. 115) : Des Barreaux e d'Elbene, na quaresma, "queriam comer carne e não acharam nada além de toicinho e ovos, do que fizeram uma omelete. Enquanto eles a comiam, caía um temporal com trovão tão terrível que parecia que iria derrubar a casa onde eles estavam. O senhor Des Barreaux, sem se abalar, pegou o prato e o atirou pela janela, dizendo: 'Muito barulho para uma maldita omelete de toicinho'".

<sup>43</sup> Lachèvre assinala duas estrofes de canção atribuídas na coletânea Potocki à Des Barreaux (não incluídas na edição Baverel-Croissant) : "Nós somos aqui meia dúzia / Que não damos nem um pouco de importância / Ao Velho ou ao Novo Testamento. / E acho que é impossível / Encontrar sob o Firmamento / Pessoas que sejam menos zelosas pela Bíblia". Estrofe: "Não se f... na glória / Não se pode nem comer nem beber. / Estar sempre admirando é de uma estupidez. / E ao cantar por toda a vida / Domine Deus Sabaoth / No final, por Deus, nos entediamos". In Lachèvre, *Bibliographie des recueils collectifs de poésies publiées de 1597 a 1700*, p. 95-96.

<sup>44</sup> Soneto, *Homine nullum animal aut misrius aut superbius* (Plínio), p. 269

<sup>45</sup> "Somente isso. Pirro, o Filósofo, encontrando-se em um dia de grande tormenta dentro de um barco, mostrava àqueles que via mais assustados ao seu redor, e os encorajava com o exemplo de um porco, que ignorava totalmente aquela tempestade. Ousaremos então dizer que esta vantagem da razão, com a qual fazemos tanta festa, e por isso nos julgamos mestres e imperadores diante do resto das criaturas, nos fora dada para nosso tormento? Para que conhecer as coisas, se desse modo perdemos o descanso e a tranquilidade, onde estaríamos sem isso, e se ela nos coloca em condição pior que a do porco de Pirro?". Mas Montaigne imediatamente criticou esta

atitude: "A inteligência que nos foi dada para o nosso bem maior, vamos usá-la para a nossa ruína, lutando contra o projeto da natureza e a ordem universal das coisas que afirma que cada um utiliza suas ferramentas e recursos para a sua comodidade? [...] Será que vamos fazer nossa pele acreditar que os golpes do estribo lhe fazem cócegas? E a nosso paladar que babosa seja vinho de Graves? O porco de Pirro está aqui por nossa conta. Ele vai bem sem medo da morte, mas se alguém o machuca, ele grunhe e se atormenta. Forçaremos o costume geral da natureza, que se vê em tudo o que é vivo sob o céu, tremer diante da dor? Até mesmo as árvores parecem gemer de dor diante das ofensas feitas a elas", etc., *Essais*, cap. XIV.

<sup>46</sup> Soneto, *Emori nolo, me mortuum esse nihili aestimo*, p. 263.

<sup>47</sup> "Mas eu sei muito bem que se vive contente / Bebendo, comendo e f..." sob a influência da Confissão (!). *Recueil de chansons choisies. Pour servir à l'histoire, depuis l'Année 1660, jusqu'à présent*, Bib. Nat. Ms fr. 15136, p. 20. Ver Fritz Nies,, "Chansons et Vaudevilles d'un siècle devenu «classique»", Dietmar Rieger (dir.), *La Chanson française et son histoire*, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1988, p. 47-57.

<sup>48</sup> Nesse soneto (*Qui multiplicat intellectum multiplicat afflictionem*, p. 272), este preceito é apresentado como uma auto-citação ("eu disse uma vez"). E o verso aparece de fato no soneto « Não é nem magistrado, nem casado, nem padre », p. 267, obra através da qual podemos deduzir que é consideravelmente mais antiga que os outros poemas aqui citados. Esta era a reescritura de um soneto de Vauquelin Des Yvetaux, que apresenta a escolha de uma vida livre e reservada. Des Barreaux exagera sobre os versos de Des Yvetaux e descreve uma figura que é, sem qualquer dúvida, aquela que os seus contemporâneos taxaram de libertinagem: "Não é nem magistrado, nem casado, nem padre /.../ estudar mais para desfrutar que para conhecer : // Para seu descanso, não ter nem amante nem mestre /...// Ter o espírito purgado dos erros populares //.../ Fazem esperar calmamente pela morte em todos os lugares" (edição citada, p. 267, o soneto de Des Yvetaux figura aí também, p. 38). Mas nos sonetos compostos em um período posterior (década de 1640?) não resta mais nada dessa figura equilibrada, do forte espírito aristocrático que vive pacificamente de suas rendas no fundo de uma agradável – e bastante mundana – aposentadoria (vide igualmente o soneto *Serviet aeternum qui parvo nesciet uti*, contra os cortesãos).

<sup>49</sup> Soneto, *Qui multiplicat intellectum multiplicat afflictionem*, p. 272. A afirmação da mortalidade da alma é uma constante em todas as suas peças: "Nossos sentidos se extinguem todos quando estamos prestes a morrer./ Da alma com o corpo não é feita nenhuma ruptura, não é nada mais que a pura extinção do calor", Soneto: "Mortal, quem quer que você seja, não há mais porque tremer", p. 275.

<sup>50</sup> Soneto, *Qui multiplicat intellectum multiplicat afflictionem*, p. 272.

<sup>51</sup> Soneto, *Sur la mort*, p. 268.

<sup>52</sup> Soneto, "Que ta condition, Mortel, me semble dure", p. 271

<sup>53</sup> Soneto, "Dieu, Nature ou Destin, que tu nous fais grand tort !", p. 276.

<sup>54</sup> Soneto, *Qui multiplicat intellectum multiplicat afflictionem*, p. 272.

<sup>55</sup> Soneto, "Dieu, Nature ou Destin, que tu nous fais grand tort !", p. 276.

<sup>56</sup> Stances sur l'affection de la vie, p. 277.